



**BRASIL** Gélida em meio ao calor fervoroso da torcida, Seleção desembarca em Doha. Time terá CT personalizado

# No solo da terra prometida

JOÃO VÍTOR MARQUES  
Enviado especial

Lucas Figueiredo/CBF



O goleiro Alisson puxou a fila da delegação brasileira, que desembarcou no país-sede da Copa do Mundo sem nenhum contato com a torcida

**D**oha — O ritmo não é exatamente aquele ao qual estamos acostumados. Desta vez, o samba não ecoa dos instrumentos de percussão. Deles, sai um ritmo menos suíngado, mas mais firme e agressivo. É o acompanhamento perfeito para o canto que mais parece um grito de guerra. Assim, em hindi, a torcida trajada de verde e amarelo apoia a Seleção Brasileira, que, gélida, contrastou com a calorosa multidão que a aguardava ansiosamente, ontem, em frente ao hotel de luxo que hospeda a delegação em Doha durante a Copa do Mundo.

Após cinco dias de treinamento na fria Itália, Tite e companhia rumaram ao desértico Catar para finalizar a preparação. O voo foi tranquilo, apesar do atraso um pouco superior a uma hora. A comitiva deixou o Aeroporto Internacional de Hamad e, cerca de 30 minutos depois, chegou ao Westin Doha Hotel & Spa, no Centro de Doha, por volta das 23h55 (17h55 no Brasil). Uma diária no local fica entre R\$ 3,5 mil e R\$ 12,4 mil.

Horas antes, os arredores começaram a ser tomados pelas cores da Seleção. Mas o sotaque de quem decorava os arredores do hotel com a bandeira brasileira era majoritariamente do Sudeste Asiático. Centenas de pessoas nascidas na Índia, mas torcedoras do Brasil, deixaram o país-natal e percorreram cerca de 3 mil quilômetros até

a capital catari. É a torcida 'Brazil Fans Qatar', que recentemente ganhou notoriedade na internet.

Uma estimativa nada científica, baseada na vivência, deixa claro

que a maioria das pessoas que andam pelas ruas de Doha com a camisa da Seleção não nasceu no Brasil. Aliás, ostentar uma credencial de jornalista brasileiro por aqui

automaticamente te transforma em celebridade. Entre uma estação e outra de metrô, dois indianos — Sadin e Sudipta —, em momentos diferentes, abordaram este que vos

escreve e começaram a falar sobre a paixão por Pelé, Didi, Garrincha, Ronaldinho Gaúcho e companhia. Sudipta, aliás, pediu até selfie. E explicou por que gosta tanto da

Seleção. "Foi uma das primeiras que vi. O jeito de jogar, a alegria, tudo isso nos fez nos encantar pelo Brasil", diz, sorridente, o trabalhador. O reforço à arquibancada brasileira não vem só da Índia. Homens nascidos em outros países do Sudeste Asiático, como Paquistão e Bangladesh, também têm apreço pelo time de Neymar, Vinícius Júnior, Gabriel Jesus e tantos outros citados nominalmente por eles.

Muito empolgados, aglomeraram-se em dois espaços protegidos fortemente por seguranças antes da chegada da delegação brasileira. O ritmo um tanto diferente foi compensado pela alegria visceral por, quem sabe, ver os ídolos de perto. Mas a expectativa foi do tamanho da decepção. Escoltado pela polícia catari, o ônibus dos jogadores passou rapidamente pelo local — nada mais do que 30, 40 segundos. Atrás dele, outro ônibus e uma van com o estafe e os demais representantes da CBF chegaram em seguida. Ninguém desceu, ninguém cumprimentou os fãs.

O frisson pela aproximação da delegação, porém, ainda demorou a passar. O volume da percussão voltou a subir, e os cantos indianos tomaram conta do ambiente mais uma vez. Parecia ainda haver esperança pela vinda de alguém. Mas, minutos depois, a torcida resolveu deixar o local — parcialmente frustrada por não conseguir as desejadas fotos e parcialmente alegre por viver aquele momento.

## Um tour no centro de treinamentos do Brasil

A delegação brasileira acabou de embarcar em Turim, na Itália, quando a CBF abriu as portas do Estádio Grand Hamad à imprensa na tarde deste ontem (manhã no Brasil), nas proximidades do Westin Doha Hotel & Spa. Horas antes da chegada dos jogadores a Doha, 200 jornalistas visitaram o local onde a Seleção vai treinar durante todo o período de disputa da Copa do Mundo.

Casa do Al-Arabi, o estádio com capacidade para 13 mil torcedores não é acessível pelo novíssimo metrô de Doha. Para chegar, é preciso pegar ônibus, táxi ou Uber. É uma vizinhança aparentemente tranquila e foi escolhida por outra seleção. Basta atravessar a rua para chegar ao CT da Sérvia, adversária do Brasil na estreia.

Na entrada, uma placa recepção os convidados: "Bem-vindo à Brasilidade". O tour, comandado pela assessoria de comunicação da CBF, começou pelo ápice: o gramado onde a Seleção vai treinar. O campo está em ótimo estado e ficará pronto hoje, quando as traves serão recolocadas no lugar. O vestiário tem cadeiras acolchoadas e fotos para designar o espaço de cada jogador. Comissão técnica e rouparia também têm salas próprias. O espaço é equipado com academia, hidromassagem, chuveiros, sala de reunião, fisiologia e piscinas.

Em outra área, existe um local para os jogadores relaxarem. A área de convivência conta com consoles, totó, sinuca, tênis de mesa

Local de treinamentos do Brasil tem diversos painéis em alusão ao time tupiniquim

e um espaço kids. Familiares dos atletas poderão aproveitar o local durante as visitas.

Os poucos passos no caminho até lá serão acompanhados por paredes temáticas. Frases de motivação repetidas por Tite — como "aproveitem o momento de confiança" e "mentalmente forte" — estão estampadas em todo o ambiente. E há lugar especial reservado à memória. Imagens dos cinco títulos mundiais do Brasil (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) relembram o passado vitorioso. Tetracampeão, o ex-meio-campista Zinho, que hoje é comentarista esportivo e acompanhava a visita, emocionou-se ao se ver no hall de campeões, que pode ser ampliado na final de 18 de dezembro. (JVM)

João Vitor Marques/EM/D.A. Press



## Coluna do Mauro Beting



### É hexa, ou, veja bem...

Começa sem cerveja na Catar a festa mais esperada. Mesmo: são quatro anos e meio desde que Courtois nos bloqueou. Nunca houve um período tão grande entre os Mundiais regulares desde 1930.

Além da espera alongada por mais um semestre para esfriar o inferno que seria a Copa no verão catari (embora o final do outono seja tórrido), em 2022 foi a menor preparação para as seleções. Até nos anos 1930 havia mais tempo de treino para as delegações que cruzavam o Atlântico se exercitando por duas semanas no convés dos navios.

Agora, não. Nem 15 dias de trampo até o Brasil estreiar contra a duríssima Sérvia. No grupo mais complicado que a Seleção

já enfrentou desde o penta. Em 2002, se a China foi mesmo um negócio para o Brasil, e Costa Rica, um passeio, a Turquia foi braba na sempre nervosa estreia. Seria também na semifinal, e terminou terceira.

A partir de 1998, com 32 seleções, mais difícil ocorrer o tal do "Grupo da Morte". Até então, a fase inicial tinha equipes mais difíceis: em 1994, o Brasil superou a Rússia sem sustos, passou fácil por Camarões, mas empacou na Suécia. Outra que, como a Turquia no penta, seria eliminada na semifinal, e terminaria em terceiro.

No tri, só paulêira: Tchecoslováquia (que era ótima) foi goleada. Inglaterra (com metade do time campeão de 1966, e que jogava mais ainda em 1970) merecia

melhor sorte no melhor jogo. A Romênia foi osso.

Em 1962, sem Pelé até o final, suamos frio para virar o terceiro jogo contra a Espanha (também no apito). México foi o de sempre. A Tchecoslováquia acabaria vice.

Em 1958, a Áustria tinha sido terceira em 1954. Contra a Inglaterra foi o primeiro empate sem gols em Copas. A URSS seria campeã europeia em 1960. Pelé e Mané tiraram o vermelho da frente da nossa bandeira em cinco minutos. Dando tilt na cibernética soviética.

No frigar das bolas: só treta na rota do penta. Como serão Sérvia e Suíça. Bom presságio rumo ao hexa. Torneio que ainda não tem favorito. E nem mesmo rabiscado um campeão acabado. Mais um motivo para não sabermos o que será. É para eu tirar o meu palpite da reta.

Para não ser tão Muro Beting,

o Brasil sofrerá demais contra os europeus na fase inicial. Mas passa em primeiro. Elimina por centímetros o Uruguai nas oitavas (e, se vier Portugal, também será com emoção); nas quartas, a promissora Espanha será vencida (ou a sempre venerável Alemanha); nas semifinais, Argentina de Messi. Mesmo contra o melhor, o Brasil poderá fazer a final contra a baleada França. Ou a surpreendente Dinamarca (maior candidata a ser a Croácia de 2018).

Pode guardar. E depois me cobrar. Eu já terei o texto pronto para as desculpas por mais um chute pra fora: culpa do VAR. Lesão. Suspensão. Imponderável. Erro de um craque. Acertos de um desconhecido. O Messi? Mbappe? Um as eletrônicas. Xandão. Intervenção federal. "Esquema" que o Gunther Schweitzer da Globo vai revelar no grupo de zap como fez na final de 1998...

Os insuspeitos usuais.

### ARGENTINA

Com um atraso de dez minutos, Lionel Messi foi ao campo da Qatar University para o treino deste ontem, a três dias da estreia da Argentina na Copa do Mundo, depois de atividades na academia na sexta-feira. No início da atividade, ele fez um trabalho diferenciado e exercícios de aquecimento ao lado de um integrante do departamento médico.

### SÉRVIA

Primeira adversária do Brasil na Copa do Mundo, a Sérvia também desembarcou no Catar, ontem. Na chegada, o técnico Dragan Stojkovic fugiu de perguntas sobre as chances do país no grupo que ainda tem Suíça e Camarões. "Não gosto de previsões, nem estou muito interessado nisso. Viemos aqui para mostrar que temos qualidade e que temos que ir o mais longe possível", destacou o treinador.

### PORTUGAL

Ausente devido a uma gastroenterite no último jogo de preparação da seleção de Portugal para a Copa do Mundo (vitória por 4 x 0 sobre a Nigéria na quinta-feira), o astro Cristiano Ronaldo participou, ontem, do primeiro treino da equipe no Catar. O atacante, de 37 anos, viveu uma semana agitada após ter concedido uma entrevista na qual criticou o Manchester United.

### FIFA INFANTINO

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, rebateu os críticos à organização da Copa no Catar. "Não assista. É bonito dizer que não vai ver porque o Catar isso, a Fifa aquilo, mas a gente sabe que essas pessoas vão assistir escondidas", declarou. Ele também discursou à favor das minorias. "Hoje me sinto catari, me sinto árabe, me sinto africano, me sinto gay, me sinto deficiente, me sinto como um trabalhador imigrante", disse.